

O BEM-ESTAR DOS AGRICULTORES FAMILIARES AGROECOLÓGICOS E CONVENCIONAIS: estudo de casos na Região Imediata Ilhéus-Itabuna

Monick Midlej do Espírito Santo¹
Geise Souza Chaves²

Resumo: A emergência de modelos produtivistas alternativos que exibem maiores níveis de sustentabilidade, do curto ao longo prazo, somadas as novas exigências do mercado consumidor têm trazido à tona debates relevantes acerca do paradigma produtivista preponderante e seus reflexos, quase sempre negativos, à comunidade e ao meio ambiente. Isso posto, este trabalho foi realizado a fim de trazer a esse contexto questões pertinentes acerca do bem-estar dos produtores rurais familiares da Região Imediata Ilhéus-Itabuna, especificamente, produtores de cacau, devido ao seu importante papel na economia regional e da sua influência no meio ambiente, via práticas agrícolas. Assim, este trabalho objetivou analisar o bem-estar dos agricultores em duas perspectivas distintas, para os agricultores agroecológicos e os convencionais, a fim de compará-los, bem como foram identificadas as variáveis socioeconômicas e ambientais que influenciaram positiva e negativamente o bem-estar desses agricultores. Para isso, foi utilizado levantamento bibliográfico, um índice de bem-estar multidimensional construído e a abordagem do bem-estar subjetivo. As medidas de autorrelato já demonstravam que os produtores agroecológicos estavam mais satisfeitos, se comparado aos produtores convencionais, e a aplicação do índice de bem-estar confirmou isso, mostrando que aqueles agroecológicos estão muito satisfeitos, enquanto os convencionais medianamente satisfeitos. Quanto à influência das variáveis socioeconômicas e ambientais, a insatisfação convergiu para ambos os produtores quanto a segurança pública, acesso à saúde, pagamento de impostos e as mudanças climáticas, mostrando a má qualidade dos serviços públicos, os reflexos do homem na natureza e a interferência dessas variáveis no bem-estar de ambos os produtores rurais.

Palavras-chave: Satisfação. Produção Agroecológica. Produção Convencional. Cacau.

Classificação J.E.L: O13; D6.

THE WELFARE OF AGROECOLOGICAL AND CONVENTIONAL FAMILY FARMERS: case studies in the Ilhéus-Itabuna Immediate Region

Abstract: The emergence of alternative productivist models that exhibit higher levels of sustainability, from the short to the long term, added to the new demands of the consumer market, have brought up relevant debates about the prevailing productivist paradigm and its reflexes, almost always negative, to the community and the environment. That said, this work was carried out in order to bring to this context pertinent questions about the well-being of family farmers in the Ilhéus-Itabuna Immediate Region, specifically, cocoa producers, due to their important role in the regional economy and their influence in the

¹ Doutoranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PPGDMA). Mestra em Economia Regional e Políticas Públicas (PERPP) e economista (Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC). E-mail: midlej.es@gmail.com

² Economista pela UESC. E-mail: geisechaves1@gmail.com

environment, via agricultural practices. Thus, this work aimed to analyze the well-being of farmers in two different perspectives, for agroecological and conventional farmers, in order to compare them, as well as the socioeconomic and environmental variables that positively and negatively influenced well-being were identified. of these farmers. For this, a bibliographic survey, a constructed multidimensional well-being index and the subjective well-being approach were used. Self-report measures have already shown that agroecological producers were more satisfied compared to conventional producers, and the application of the welfare index confirmed this, showing that those agroecological producers are very satisfied, while conventional ones are moderately satisfied. As for the influence of socioeconomic and environmental variables, dissatisfaction converged for both producers regarding public security, access to health, payment of taxes and climate change, showing the poor quality of public services, the reflexes of man in nature and interference these variables in the well-being of both rural producers.

Keywords: Satisfaction. Agroecological Production. Conventional Production. Cocoa.

JEL Codes: O13; D6.

1 INTRODUÇÃO

O paradigma produtivista preponderante - ou convencional - se caracteriza pelo uso de padrões tecnológicos de alto consumo, bem como maquinário e a inserção de químicos no processo produtivo. Diante da ausência de políticas agrárias eficientes, o modelo convencional tem gerado a exclusão de grandes setores da população agrícola, principalmente aqueles formados por agricultores familiares, além dos graves danos de deterioração ambiental, com reflexos negativos à saúde e ao equilíbrio dos ecossistemas (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

Diante desse cenário foi percebida a necessidade de se rever todo o modelo de desenvolvimento da agricultura brasileira devido aos fortes impactos ambientais gerados. Nesse contexto, a partir da década de 1970, principalmente, estudiosos iniciaram buscas por novas perspectivas para programas de desenvolvimento a fim de confrontar os problemas ambientais e sociais intensificados pelo fator econômico produtivista, segundo os mesmos autores.

O paradigma da sustentabilidade surgiu como resposta a esse cenário e busca mesclar elementos sociais, políticos e ambientais em benefício do uso equilibrado dos recursos naturais disponíveis. É nessa mesma circunstância que o paradigma agroecológico emerge como um imperativo ecológico, não mais como uma opção, e tem seu processo de transição definido por Caporal e Costabeber (2004) como “a passagem do modelo produtivista convencional para formas de produção mais evoluídas sob o ponto de vista da conservação dos recursos naturais” (p.40), gerando um modelo mais sustentável do curto ao longo prazo.

Mutuamente à emergência de um novo modelo de produção alternativo, com maiores níveis de sustentabilidade, o mercado consumidor tem feito exigências por produtos cultivados de forma sustentável contribuindo, conseqüentemente, para o desenvolvimento da agricultura familiar e para oportunidades de negócios (como a produção orgânica), o que configura uma opção promissora para a geração de renda atrelada à conservação ambiental (SANGALLI, 2016).

Pelo exposto é possível observar que o sistema agroecológico se apresenta mais sustentável do ponto de vista ambiental, se comparado à produção agrícola convencional.

Porém, há necessidade de melhor compreender a relação desse sistema com a satisfação (bem-estar) dos produtores, em comparação com o sistema convencional. Isso porque parte-se da premissa que a política pública, principal ferramenta de intervenção governamental, deve direcionar esforços para a solução de problemas públicos coletivamente relevantes que estão diretamente relacionados à melhoria da qualidade de vida da população em geral e, nesse caso, dos agricultores rurais.

Nesse sentido, este trabalho objetivou analisar o bem-estar dos agricultores familiares residentes na Região Imediata Ilhéus-Itabuna em duas perspectivas distintas, para os produtores agroecológicos e os convencionais de cacau, especificamente, a fim de compará-los, bem como foram identificadas as variáveis socioeconômicas e ambientais que influenciaram positiva e negativamente o bem-estar desses agricultores. Para isso, foi utilizado um índice multidimensional de bem-estar construído e a abordagem do bem-estar subjetivo, de forma complementar. A realização deste estudo pode apresentar relevantes contribuições a área acadêmico-científica, pois preenche uma lacuna ainda não estudada – o bem-estar dos produtores rurais da região supracitada e a utilização de um índice multidimensional de bem-estar, com vistas a obter melhor captação frente aos índices existentes, somado à abordagem subjetiva do bem-estar – influenciando a realização de novos estudos que poderão auxiliar a formulação de políticas públicas voltadas à melhoria das condições de vida dos produtores.

2 REVISÃO DA LITERATURA

AGRICULTURA FAMILIAR

À agricultura familiar associam-se diversos conceitos e estes, por vezes, ainda são subestimados quando julgado por expressões como “pequena produção”, “agricultura de baixa renda” ou “de subsistência” (ABRAMOVAY, 1997, p.1), o que demonstra desconhecimento da importância do tema em questão. Segundo Buainain (2003, p.10) “a agricultura familiar é um universo profundamente heterogêneo, seja em termos de disponibilidade de recursos, acesso ao mercado, capacidade de geração de renda e acumulação”.

Observa-se que não há uma delimitação exata do conceito de agricultura familiar. O Brasil, por exemplo, apresenta distintas especificidades de acordo com as situações vividas localmente. Em termos legais, seu conceito abrange o tamanho da propriedade, a predominância familiar da mão de obra e da renda, além da gestão familiar na unidade produtiva (ALTAFIN, 2007).

É nesse sentido legal que o FAO/INCRA (1996, p.4) define a agricultura familiar segundo três características principais:

- a) a gestão da unidade produtiva e os investimentos nela realizados são feitos por indivíduos que mantém entre si laços de sangue ou casamento; b) a maior parte do trabalho é igualmente fornecida pelos membros da família; c) a propriedade dos meios de produção (embora nem sempre da terra) pertence à família e é em seu interior que se realiza sua transmissão em caso de falecimento ou aposentadoria dos responsáveis pela unidade produtiva.

Para Guanziroli (2001), a presença da agricultura familiar nos países em geral desempenha um papel primordial na estruturação de sociedades mais democráticas e de economias mais dinâmicas. Sua expansão e dinamismo foram baseados na garantia do acesso à terra e em cada país assume formas particulares. A agricultura familiar possibilita, ainda, a

garantia de uma transição socialmente equilibrada entre uma economia de base rural para uma urbana e industrializada.

May et al. (2008) afirmam, ainda, que a agricultura familiar traz consigo a habilidade de produzir de forma diversificada, o que acaba gerando novas oportunidades de negócios e contribuindo na formação do mercado alimentício que tem aumentado sua demanda por produtos saudáveis e sustentáveis.

Dentre as funções exercidas pelos agricultores familiares está a garantia da segurança alimentar, seja pela ótica da capacidade de fornecer quantidades significativas de alimentos ao mercado ou por possibilitar o acesso aos alimentos. Este fato se dá pela grande capacidade produtiva advinda da agricultura familiar que contribui para o abastecimento do país (ALTAFIN, 2007).

O fator preservação ambiental também tem sido destaque como função da agricultura familiar ao estabelecer uma relação íntima com os recursos naturais e promover a sustentabilidade ecológica no convívio harmonioso com a natureza. Ressalta-se também a função sociocultural, que trata de resgatar um modo de vida associado a conceitos culturais, tradicionais e de identidade que têm sido cada vez mais procurado como alternativas de vida mais saudáveis, valorizando, assim, alimentos produzidos naturalmente e sem agrotóxicos (ALTAFIN, 2007).

SISTEMA AGROECOLÓGICO

A agroecologia, semelhante à agricultura familiar, apresenta uma diversidade de conceitos. A partir do ano de 1980 foi constatado que a mesma consiste na aplicação dos princípios e da ótica da ecologia ao manuseio de agroecossistemas sustentáveis, segundo Gliessmann (2001 apud FEIDEN, 2005). Sendo um agroecossistema “a modificação de um ecossistema natural pelo homem, para produção de bens necessários à sua sobrevivência” (FEIDEN, 2005, p.65).

Caporal e Costabeber (2002) afirmam que a agroecologia lembra uma agricultura menos agressiva ao meio ambiente que promove a inclusão social e proporciona melhores condições econômicas para os agricultores, traz também a expectativa de uma nova agricultura capaz de fazer bem mutuamente aos homens e ao meio ambiente.

Caporal e Costabeber (2004) afirmam, ainda, que a agroecologia, sob uma perspectiva multidimensional, propicia as bases científicas e metodológicas em prol de promover modelos de agricultura sustentável considerando seu objetivo de produzir, para toda sociedade, quantidades adequadas de alimentos com alta qualidade biológica. A corrente agroecológica defende, ainda, uma agricultura de base ecológica que incorpore a ideia de justiça social e proteção ambiental, além de tentar ultrapassar diversos desafios que dependem de ferramentas como o diálogo, o aprendizado coletivo e a prática cotidiana da sustentabilidade. Pois, infelizmente, muitos impactos negativos da agricultura convencional (química) não foram interiorizados na opinião pública de forma intensa, protelando o debate sobre o tema.

Outra característica presente neste novo paradigma diz respeito à articulação de diferentes conhecimentos, disciplinas e campos da ciência, que juntos formam a complexidade e a integração do conhecimento técnico-científico da agroecologia e deste com o saber popular (CAPORAL et al., 2006).

SISTEMA CONVENCIONAL

A agricultura moderna ou convencional é descrita por Barbosa et al (2012) como um conjunto de técnicas produtivas surgidas no século XIX, também conhecida como Segunda Revolução Agrícola, que teve o lançamento dos fertilizantes químicos por Liebig como suporte. É

importante salientar que Liebig é considerado o mais importante químico alemão da sua época (MAAR, 2006).

A expansão desse sistema se deu após as grandes guerras e se caracterizou pelo emprego de sementes manipuladas geneticamente a fim de aumentar a produtividade, associado ao uso de agrotóxicos e fertilizantes, além da máquina agrícola. O almejado aumento da produtividade causado pelos três aspectos acima levou o agricultor a depender das tecnologias, recursos e capital do setor industrial, levando a degradação do ambiente e, conseqüentemente, criando uma situação insustentável no longo prazo (BARBOSA et al., 2012).

May et al. (2008) afirmam que o sistema de produção convencional sustentado na utilização de agrotóxicos, adubos industrializados, herbicidas e químicos em geral gera renda para o agricultor, mas também ameaça a sua saúde, a saúde do consumidor e gera danos ambientais, como a poluição das águas e do solo.

Meirelles e Rupp (2014) afirmam, ainda, que os adubos químicos utilizados na produção convencional são ácidos e salinos destruidores da vida útil do solo que prejudicam todos os processos de retirada de nutrientes. Os agrotóxicos, utilizados na produção convencional, podem diminuir a respiração, transpiração e fotossíntese da planta ao entrar pelos frutos, folhas, sementes, galhos e troncos, prejudicando também os nutrientes disponíveis e a vida útil do solo, além de matar organismos essenciais para a agricultura. Ou seja, segundo os autores, a agricultura moderna tem atrapalhado todo funcionamento da planta, não ajudado.

BEM-ESTAR

A obtenção de informações acerca do bem-estar é fundamental para a dinamização de medidas apropriadas a essa população, sempre visando a melhoria de suas condições, oportunizando ainda um envelhecimento sadio e benéfico a todos. Salientando que, para que se efetive, é necessário o fomento do bem-estar ao longo do tempo, pois seu efeito não é imediato e nem sempre é duradouro (SOUSA et al., 2003).

Smith (2001 apud SOUSA et al., 2003) reitera ainda que o conceito de bem-estar foi modificado a partir de meados do século XX, pois, até aí relacionava-se apenas com a disponibilidade de bens materiais, porém, atualmente tem abrangido dimensões menos tangíveis, como a felicidade, autoestima, dignidade, oportunidade de alcançar objetivos pessoais, ou seja, a qualidade de vida engloba os recursos, mas também o direito de aproveitar a vida.

Nesse contexto, surgem abordagens alternativas, como a do bem-estar subjetivo que considera que cada indivíduo “avalia sua própria vida aplicando concepções subjetivas e, nesse processo, apoia-se em suas próprias expectativas, valores, emoções e experiências prévias” (SIQUEIRA; PADOVAN, 2008, p.202).

Giacomoni (2004) complementa, afirmando que definir bem-estar é difícil, uma vez que pode ser influenciado por variáveis tais como idade, gênero, nível socioeconômico e cultura. Assim, a área de estudo do bem-estar subjetivo possui suas bases em estudos empíricos, caracterizados por medidas de autorrelato. Mais especificamente, esse construto diz respeito a como e por que as pessoas vivem suas vidas positivamente. Também é considerada a avaliação subjetiva da qualidade de vida, pois, quando somente indicadores sociais objetivos como renda per capita e índices de violência são medidos, indicadores de aspectos da vida como relacionamentos interpessoais não são captados.

Observa-se, então, a relevância de se trabalhar com a abordagem do bem-estar subjetivo que se mostra capaz de captar elementos para além daqueles postos em índices pré-estabelecidos.

2.1 LITERATURA EMPÍRICA

Ao verificar os estudos relacionados ao tema proposto é possível ter acesso a trabalhos relevantes, como o de Buainain et al. (2004), por exemplo, que buscaram identificar as áreas de concentração da agricultura familiar no Brasil, detalhando as principais características dos agricultores familiares nestas grandes áreas.

Mais recentemente, Espírito Santo, Gomes e Pires (2019) retrataram, a partir de fontes bibliográficas, as principais diferenças entre os sistemas agroecológico e convencional a partir da análise SOWT, que expôs as forças, fraquezas, pontos fortes e fracos de ambos os sistemas produtivos.

No que diz respeito a abordagem do bem-estar subjetivo, utilizada metodologicamente neste trabalho, os autores Albuquerque e Tróccoli (2004, p.4) se aproximam do nosso objetivo, pois desenvolveram uma escala de bem-estar subjetivo adaptada à população brasileira a fim de obter um instrumento que mensurasse os três maiores componentes do bem-estar, segundo eles, a satisfação com a vida, o afeto positivo e o negativo. Para alcançar seu objetivo os autores utilizaram o instrumento de autorrelato, bem como um composto de itens representativos para abordar os três componentes ditos. Os participantes eram policiais civis e os resultados mostraram que o instrumento foi bastante claro e preciso.

O diferencial proposto neste trabalho encontrou-se no público alvo, na localidade do estudo e na incorporação de novos indicadores ao índice proposto, que analisa o bem-estar dos produtores rurais de cacau através da aplicação de questionário e entrevista. O questionário contemplou aspectos socioeconômicos e ambientais, e a entrevista possibilitou o uso da abordagem do bem-estar subjetivo que ofereceu espaço ao produtor de autorrelatar sua vivência, possibilitando que outros condicionantes do bem-estar fossem captados e analisados.

3 METODOLOGIA

ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo escolhida para a realização da pesquisa foi a Região Imediata Ilhéus-Itabuna, que contempla os municípios onde os produtores rurais entrevistados residem, e sua denominação publicada pelo IBGE em 2017 através da nova Divisão Regional do Brasil. A região é composta pelos municípios de Almadina, Aurelino Leal, Barro Preto, Buerarema, Coaraci, Firmino Alves, Floresta Azul, Ibicaraí, Ibicuí, Ibirapitanga, Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Itaju do Colônia, Itajuípe, Itapé, Itapitanga, Maraú, Santa Cruz da Vitória, São José da Vitória, Ubaitaba e Uruçuca (IBGE, 2019).

TÉCNICAS DE PESQUISA, ORIGEM E TRATAMENTO DOS DADOS

A pesquisa utilizou dados de fontes primárias e secundárias. Primárias ao coletar dados em campo via aplicação de questionário, entrevista (medidas de autorrelato através da abordagem subjetiva do bem-estar) e por meio de observações. E secundárias para a confecção da parte teórica, bem como para a construção do índice de bem-estar proposto (Quadro 1) que visa unir, em um índice multidimensional, variáveis que contemplem as dimensões econômica, social e ambiental.

Após coletados, as informações foram analisadas com base na estatística descritiva e os indicadores foram dispostos em gráficos radares para que suas influências sobre o bem-estar dos produtores foram evidenciadas. Os resultados foram analisados de forma comparativa, a fim de compreender as disparidades e similaridades nos elementos que compõem o bem-estar dos agricultores familiares entrevistados.

POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população estudada abrangeu os produtores agroecológicos e convencionais residentes na Região Imediata Ilhéus-Itabuna. Devido à disponibilidade de recursos, a amostra foi não probabilística e se deu por acessibilidade.

Doze agricultores familiares agroecológicos responderam o questionário acerca do seu bem-estar, sendo estes residentes nos municípios de Ibirapitanga e Floresta Azul.

Doze agricultores familiares convencionais também responderam acerca do seu bem-estar, sendo estes residentes nos municípios de Itajuípe, Coaraci, Ibicaraí e Almadina.

Apesar de exibir uma amostra relativamente pequena, se comparada ao número de produtores familiares na região em estudo, a pesquisa mostra seu ineditismo e exibe resultados relevantes ao compreender os principais determinantes do bem-estar dos produtores rurais agroecológicos e convencionais, estimulando a realização de novas pesquisas na área e a geração de subsídios para a formulação de políticas públicas.

Segundo Gil (2008), o estudo de caso vem sendo cada vez mais utilizado por pesquisadores sociais, apesar das críticas recorrentes, ao permitir que as situações da vida real sejam exploradas de forma detalhada, e ao evidenciar as variáveis causais de determinado fenômeno em estudo, nesse caso, o bem-estar dos produtores rurais.

É válido salientar a não existência de conhecimento prévio sobre o bem-estar dos produtores rurais entrevistados e que a amostragem por acessibilidade foi escolhida devido ao menor custo operacional. As entrevistas foram realizadas no ano de 2016 e 2017.

DEFINIÇÃO E OPERACIONALIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS

A determinação das variáveis para o índice de bem-estar se deu através de observações preliminares em campo e por meio de trabalhos diversos da literatura existente a fim de produzir um índice mais completo em termos de dimensões e indicadores, e para que o bem-estar seja melhor captado em quaisquer que sejam as áreas de estudo escolhidas posteriormente. O trabalho de Passos (2008) corroborou fortemente para a composição do índice ao analisar os indicadores de sustentabilidade, bem como estudos apontados no site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que dispõe de alguns dos indicadores utilizados.

O índice de bem-estar aplicado aos agricultores dispõe, em escala numérica (de 0 a 5), variáveis que analisam a satisfação dos produtores quanto aos aspectos ambientais, sociais e econômicos perguntados. A mensuração do bem-estar dos produtores rurais se deu via transformação das variáveis quantitativas em qualitativas. Em termos práticos, a atribuição do valor 0 às variáveis significou “não estou satisfeito (a)”, o valor 1 correspondeu a resposta “estou muito pouco satisfeito (a)”, 2 se igualou a “estou pouco satisfeito (a)”, 3 representou “estou medianamente satisfeito (a)”, 4 se referiu a “estou muito satisfeito (a)” e 5 condisse com “estou bastante satisfeito (a)”. A interpretação dos resultados seguiu a mesma lógica apresentada.

O Quadro 1 abaixo explicita as variáveis que compõem o índice e o somatório geral deste é 1 (um), salientando que a composição do índice social (Is), índice econômico (Ie) e o

índice ambiental (Ia) possuem pesos equivalentes, uma vez que seus valores representam um terço do somatório geral.

Quadro 1 – Composição do Índice de Bem-Estar (IB-E)

Composição do Índice Social (Is)
Is1: Concessão ou Recebimento dos direitos trabalhistas (carteira assinada, férias, 13º, FGTS).
Is2: Formação de parcerias.
Is3: Relações sociais (família, amigos, trabalho).
Is4: Escolaridade.
Is5: Acesso à saúde.
Is6: Acesso ao consumo.
Is7: Acesso ao transporte.
Is8: Condição da habitação (saneamento básico, água).
Is9: Qualidade de vida (lazer, cultura, tempo livre, comunicação).
Is10: Segurança pública.
Composição do Índice Econômico (Ie)
Ie1: Renda.
Ie2: Produtividade.
Ie3: Comercialização do produto.
Ie4: Valorização do produto.
Ie5: Preços dos bens de consumo adquiridos.
Ie6: Pagamento de impostos.
Composição do Índice Ambiental (Ia)
Ia1: Utilização de químicos em geral (agrotóxico, fertilizante, pesticida, entre outros).
Ia2: Preservação/Qualidade ambiental (solo, água, árvores).
Ia3: Recurso energético utilizado (fonte renovável ou não renovável).
Ia4: Produção e consumo sustentáveis.
Ia5: Destino dos resíduos (líquidos e sólidos).
Ia6: Mudanças climáticas.

Elaborado pelas autoras.

O IB-E resulta do somatório dos três índices propostos que contemplam as dimensões social, econômica e ambiental.

$IB-E = Is + Ie + Ia = 1$, no qual:

$$Is = Is1 + Is2 + Is3 + Is4 + Is5 + Is6 + Is7 + Is8 + Is9 + Is10$$

$$Ie = Ie1 + Ie2 + Ie3 + Ie4 + Ie5 + Ie6$$

$$Ia = Ia1 + Ia2 + Ia3 + Ia4 + Ia5 + Ia6$$

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O BEM-ESTAR DOS PRODUTORES RURAIS AGROECOLÓGICOS DA REGIÃO IMEDIATA ILHÉUS-ITABUNA

O BEM-ESTAR SUBJETIVO

Antes de aplicar o questionário contendo o IB-E ou de mostrar qualquer variável, foi pedido para que o entrevistado(a) falasse livremente sobre aquilo que lhe traz bem-estar como produtor(a) rural, a fim de captar variáveis para além daquelas definidas em questionário, como propõe a abordagem do bem-estar subjetivo. As respostas então contidas no Quadro 2 e mostra o resultado das medidas de autorrelato.

Quadro 2 – Fatores que influenciam no bem-estar dos produtores agroecológicos

Ar livre;	Comer o que produz;
Plantar;	Limpar o quintal;
Cuidar das plantas;	Morar na fazenda (ambiente rural);
Ver a plantação crescer;	Liberdade do fazendeiro;
Mexer com a terra (contato com a natureza);	Viver em comunidade;
Produzir com qualidade (para o produtor e consumidor);	Ter apoio de políticas públicas;
Ter uma vida mais saudável;	Trabalhar;
Conviver sem agrotóxico;	Trabalhar para si mesmo (ter lazer, trocas de experiências);
Benefícios dos alimentos naturais;	Trabalhar com a família;
	Satisfação dos consumidores.

Elaborado pelas autoras com base em pesquisa de campo.

O quadro acima permite observar a relevância das medidas de autorrelato para desvendar o bem-estar dos produtores rurais, pois, são poucas as variáveis que estão presentes também no IB-E que aborda indicadores socioeconômicos e ambientais.

As relações sociais, a não utilização de químicos, e a produção e consumo sustentáveis foram as variáveis de intersecção com IB-E. Todas as outras variáveis são inéditas nesse estudo e de fundamental importância na formulação de soluções e melhorias na qualidade de vida desses atores sociais, sejam elas advindas das novas necessidades geradas decorrentes do processo de envelhecimento da população, por exemplo, ou de outros fatores.

O ÍNDICE DE BEM-ESTAR (IB-E)

Após as medidas de autorrelato dos produtores rurais, houve a aplicação do questionário a fim de compor o IB-E. O Quadro 3 abaixo mostra os resultados tabulados dos 12 produtores agroecológicos entrevistados e suas respectivas interpretações.

Quadro 3 – IB-E dos produtores agroecológicos e suas interpretações

Produtor(a) rural	IB-E	Interpretação
1	0,6822	Muito satisfeito(a)
2	0,7844	Muito satisfeito(a)
3	0,6378	Muito satisfeito(a)
4	0,7978	Muito satisfeito(a)
5	0,6844	Muito satisfeito(a)
6	0,6667	Muito satisfeito(a)
7	0,8599	Bastante satisfeito(a)
8	0,6555	Muito satisfeito(a)
9	0,7467	Muito satisfeito(a)
10	0,7711	Muito satisfeito(a)
11	0,8578	Bastante satisfeito(a)
12	0,6178	Muito satisfeito(a)
Média Aritmética	0,7910	Muito satisfeito(a)

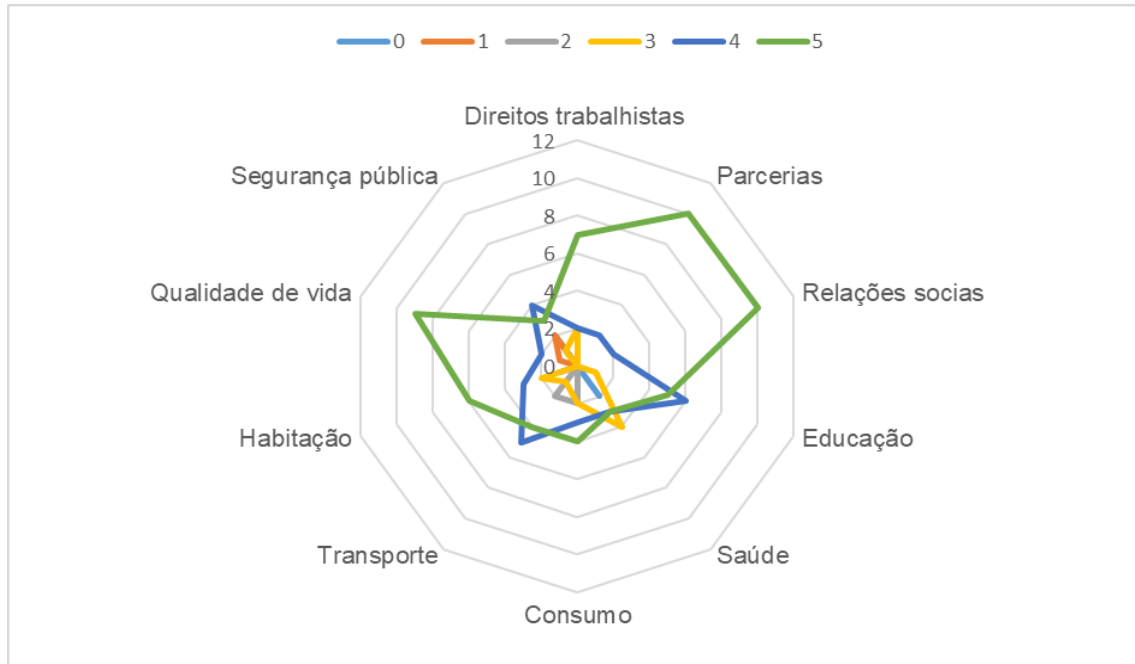
Elaborado pelas autoras com base em pesquisa de campo.

É possível afirmar, a partir da observação do quadro acima, que os produtores rurais agroecológicos se mostram muito satisfeitos, em sua maioria, respondido por dez produtores (83,3%), e também bastantes satisfeitos, respondido por dois agricultores familiares (16,7%). Sua média aritmética, escolhida pela ausência de valores extremos que pudessem alterar o valor, correspondeu ao valor 0,7910, o que significa que os produtores se mostraram muito satisfeitos.

VARIÁVEIS QUE INFLUENCIAM O BEM-ESTAR DOS PRODUTORES RURAIS AGROECOLÓGICOS

Esta seção objetivou demonstrar as variáveis que mais influenciaram sobre as respostas dos entrevistados, seja positiva ou negativamente. O Gráfico 1 mostra o comportamento dessas variáveis no âmbito social, lembrando que quanto mais próximas de 0 menor bem-estar dos produtores, conseqüentemente, quanto mais próxima de 5, maior o bem-estar dos entrevistados. A escala apresentada é de no máximo doze respostas, considerando que foram entrevistados doze agricultores para cada modalidade de produção.

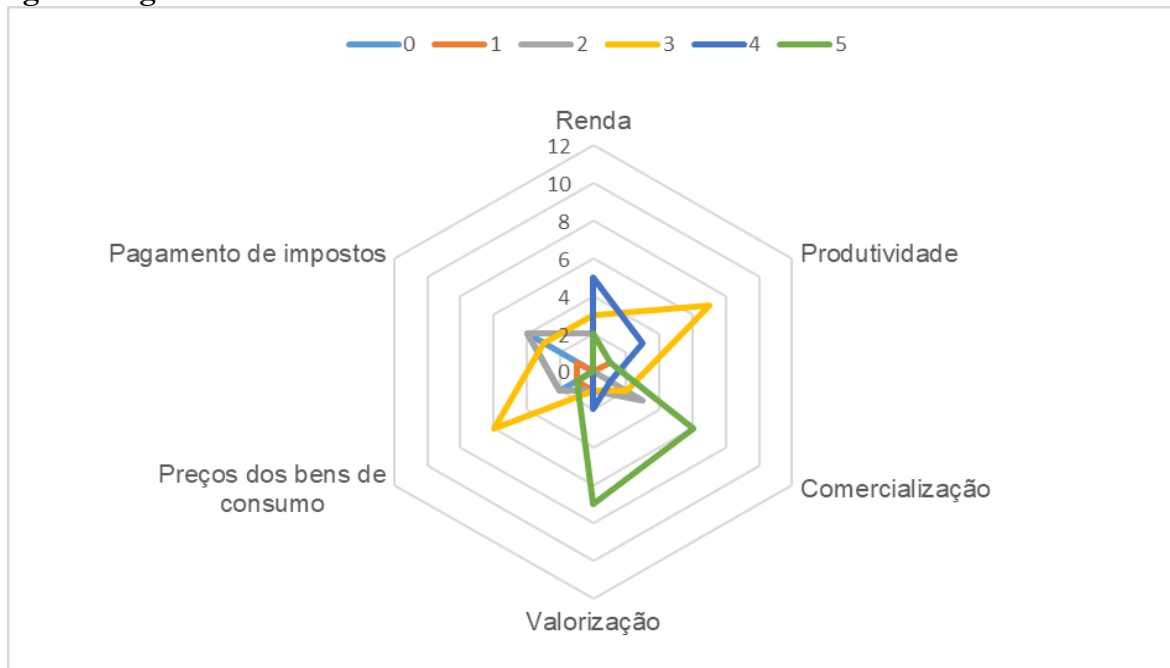
Gráfico 1 – Influência das variáveis sociais sobre o IB-E dos produtores agroecológicos



Elaborado pelas autoras com base em pesquisa de campo.

Como mostra o Gráfico 1, as relações sociais e as parcerias tiveram forte influência positiva sobre o IB-E, seguido pela qualidade de vida, concessão ou recebimento dos direitos trabalhistas e condição da habitação. Negativamente, as variáveis de acesso à saúde, segurança pública e acesso ao consumo tiveram maiores pesos, bem como acesso ao transporte. Agora o Gráfico 2 mostra a influência das variáveis econômicas sobre o IB-E.

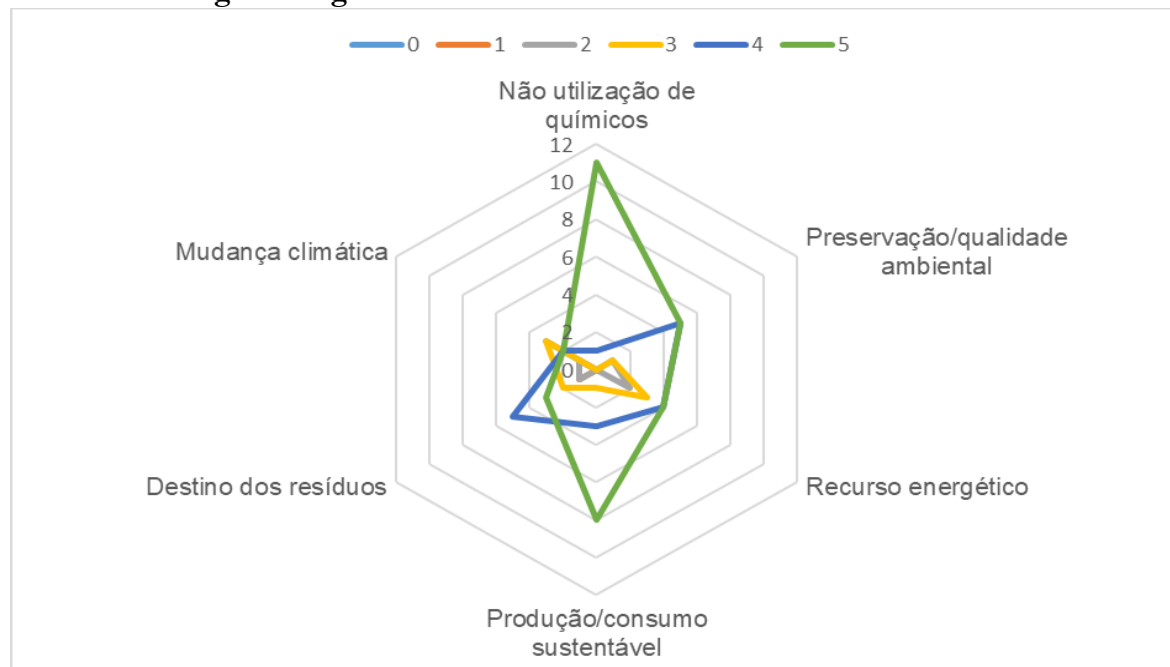
Gráfico 2 - Influência das variáveis econômicas sobre o IB-E dos produtores agroecológicos



Elaborado pelas autoras com base em pesquisa de campo.

O Gráfico 2 mostra a influência positiva da valorização e comercialização do cacau, seguida pela renda. A produtividade e os preços dos bens de consumo adquiridos tiveram influência medianas. Negativamente, o pagamento de impostos se destacou. Por último, o Gráfico 3 mostra a influência das variáveis ambientais na composição do IB-E.

Gráfico 3 – Influência das variáveis ambientais sobre o IB-E dos produtores agroecológicos



Elaborado pelas autoras com base em pesquisa de campo.

O Gráfico 3 permite afirmar que a não utilização de químicos e a produção e consumo sustentáveis tiveram forte influência positiva, seguida da preservação/qualidade ambiental e da destinação dos resíduos. Negativamente, as mudanças climáticas ganharam destaque na composição do IB-E.

4.2 O BEM-ESTAR DOS PRODUTORES RURAIS CONVENCIONAIS DA MICRORREGIÃO ILHÉUS-ITABUNA

O BEM-ESTAR SUBJETIVO

Seguindo a mesma dinâmica aplicada aos produtores agroecológicos, antes de mostrar qualquer variável, aqui também foi solicitado para que o entrevistado(a) falasse livremente sobre aquilo que lhe traz bem-estar como produtor(a) rural, a fim de captar variáveis para além daquelas definidas em questionário, como propõe a abordagem do bem-estar subjetivo. As respostas estão contidas no Quadro 4.

Quadro 4 – Fatores que influenciaram no bem-estar dos produtores convencionais

Plantar e colher;	Boas estradas para circulação;
Produzir alimentos;	Modo de vida;
Contato com a natureza;	Renda (lucro);
Comer o que produz;	Trabalhar;
Morar na fazenda (ambiente rural);	Trabalhar para si mesmo;
Condição da habitação (casa);	Trabalhar com a família;
Liberdade;	Modo de vida;
Amigos;	Trabalhar com a família;

Elaborado pelas autoras com base em pesquisa de campo.

O Quadro 4 permite observar que, mais uma vez, a maioria das variáveis colocadas pelos produtores rurais como relevantes para o seu bem-estar, não estão disponíveis em indicadores objetivos ou na própria composição do IB-E, reafirmando a importância das medidas de autorrelato para o conhecimento da realidade em questão. Apenas as variáveis condição de habitação, relações sociais (amigos) e renda estão presentes também no IB-E.

Se comparado aos produtores agroecológicos, os convencionais apresentaram menos variáveis para expressar sua satisfação, tendo um entrevistado, inclusive, que afirmou que hoje nada lhe proporciona bem-estar na condição de produtor rural.

Essas respostas são fundamentais para que haja medidas voltadas à melhoria da qualidade de vida desses atores que possuem papel essencial na composição socioeconômica da região, bem como têm relação direta com o meio ambiente através das práticas agrícolas que refletem na natureza do curto ao longo prazo.

O ÍNDICE DE BEM-ESTAR (IB-E)

O Quadro 5 mostra os resultados tabulados dos 12 produtores convencionais entrevistados e suas respectivas interpretações.

Quadro 5 – IB-E dos produtores convencionais e sua interpretação

Produtor(a) rural	IB-E	Interpretação
1	0,5133	Medianamente satisfeito(a)
2	0,5889	Medianamente satisfeito(a)
3	0,7199	Muito satisfeito(a)
4	0,4999	Medianamente satisfeito(a)
5	0,4533	Medianamente satisfeito(a)
6	0,6022	Muito satisfeito(a)
7	0,4289	Medianamente satisfeito(a)
8	0,4378	Medianamente satisfeito(a)
9	0,5155	Medianamente satisfeito(a)
10	0,5755	Medianamente satisfeito(a)
11	0,5711	Medianamente satisfeito(a)
12	0,6644	Muito satisfeito(a)
Média Aritmética	0,5475	Medianamente satisfeito(a)

Elaborado pelas autoras com base em pesquisa de campo.

O Quadro 5 mostra que o bem-estar dos produtores rurais convencionais é mediano, em sua maioria, respondido por nove agricultores (75%), e os outros três se mostraram muito satisfeitos (25%). Sua média aritmética, também escolhida pela ausência de valores extremos,

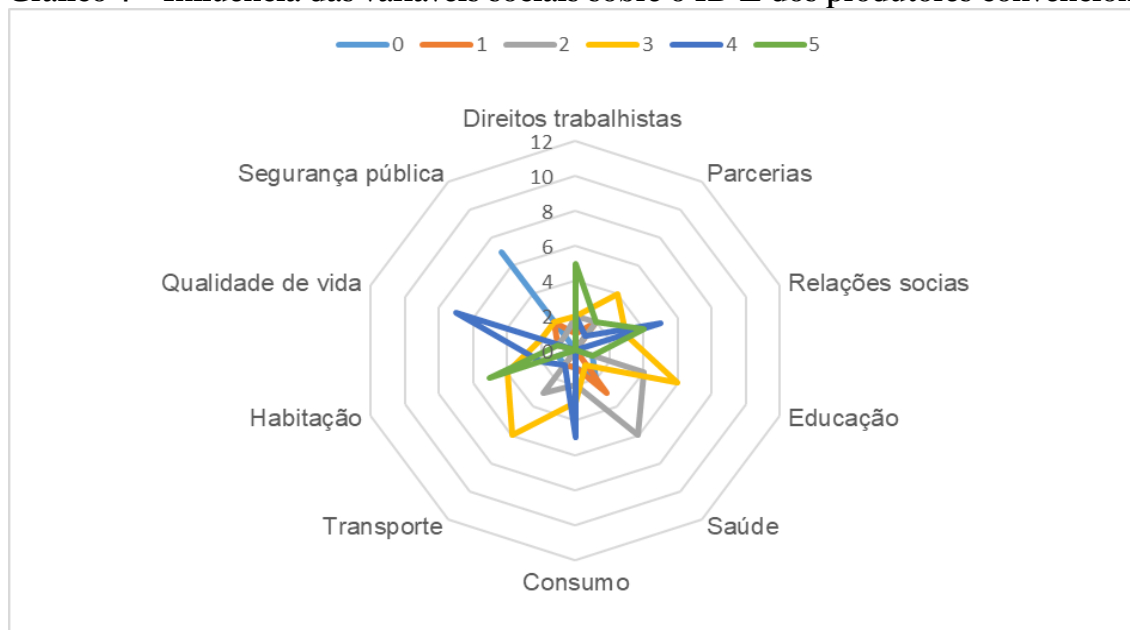
correspondeu a 0,5475, ou seja, os produtores convencionais se mostraram medianamente satisfeitos.

Se comparado ao resultado agroecológico, é possível afirmar que os produtores agroecológicos possuem bem-estar superior aos convencionais, em unidades da Região Imediata Ilhéus-Itabuna.

VARIÁVEIS QUE INFLUÍRAM SOBRE O BEM-ESTAR DOS PRODUTORES RURAIS CONVENCIONAIS

O Gráfico 4 mostra o comportamento das variáveis que influenciaram nas respostas dos agricultores no âmbito social.

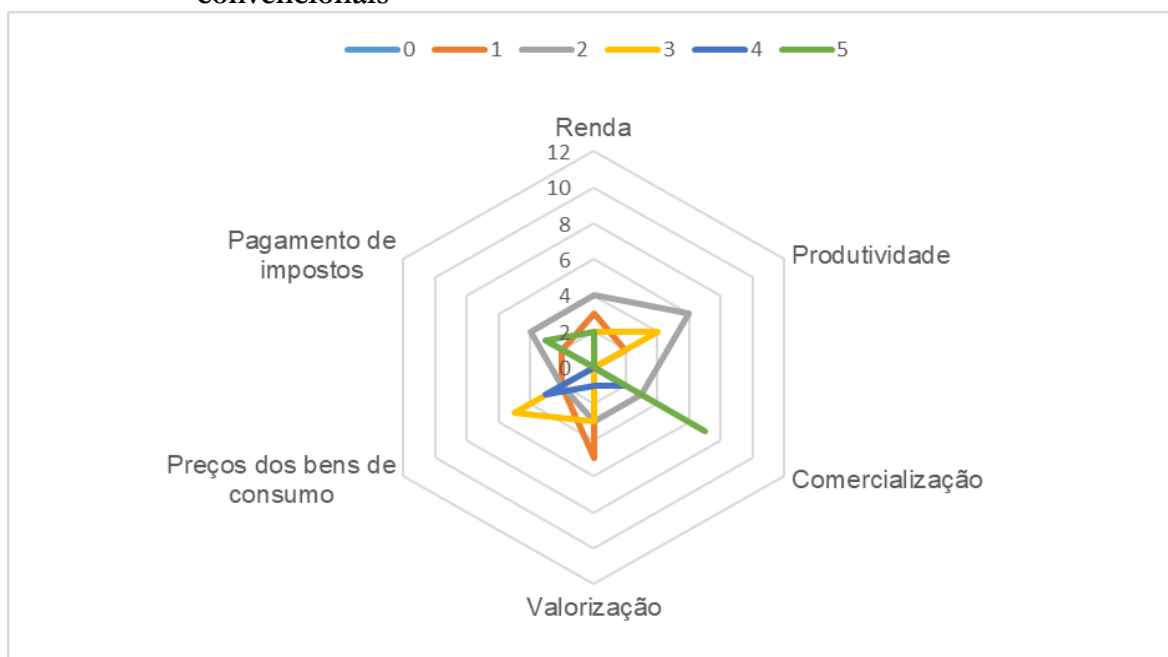
Gráfico 4 – Influência das variáveis sociais sobre o IB-E dos produtores convencionais



Elaborado pelas autoras com base em pesquisa de campo.

O gráfico mostra que socialmente as variáveis referentes à qualidade de vida, condição da habitação e concessão/recebimento dos direitos trabalhistas tiveram forte influência positiva. Medianamente, tiveram influência o acesso ao transporte, educação, bem como as parcerias. E, negativamente, a segurança pública e o acesso à saúde. Agora, o Gráfico 5 mostra o comportamento das variáveis econômicas sobre o IB-E.

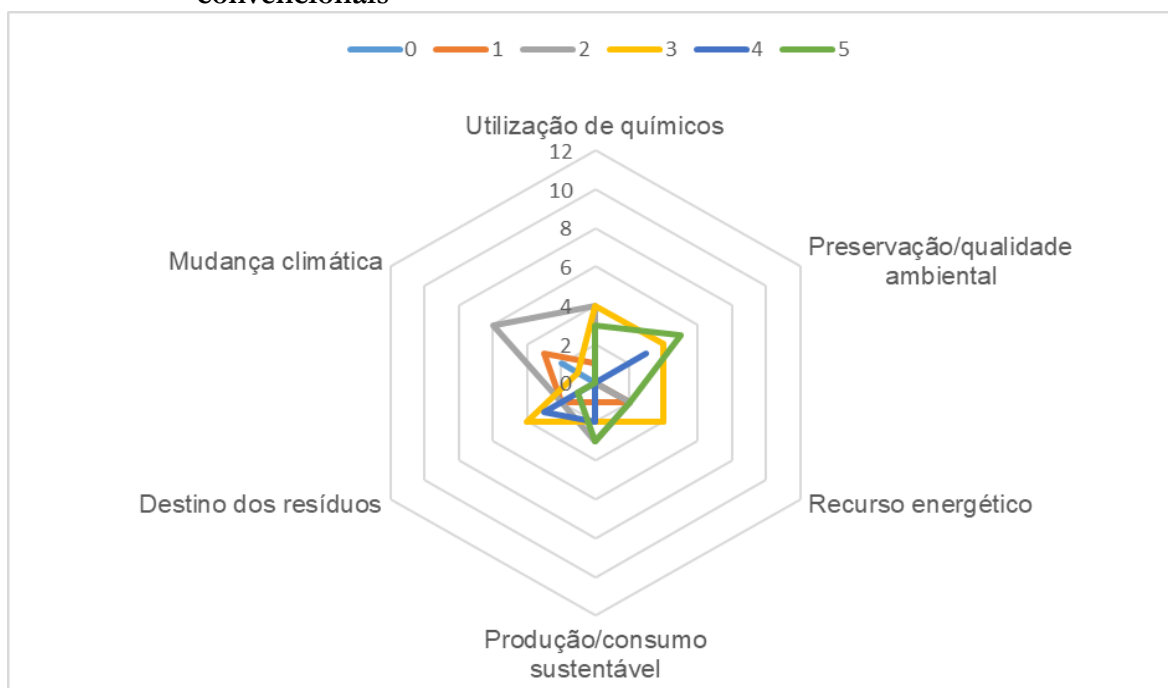
Gráfico 5 - Influência das variáveis econômicas sobre o IB-E dos produtores convencionais



Elaborado pelas autoras com base em pesquisa de campo.

O gráfico mostra que positivamente a variável comercialização teve grande influência, assim como ocorreu com as respostas dos produtores agroecológicos. Medianamente estão os preços dos bens de consumo adquiridos e, negativamente, concentra-se a valorização do cacau, a produtividade e o pagamento de impostos. Por fim, o Gráfico 6 mostra a influência das variáveis ambientais na composição do IB-E.

Gráfico 6 - Influência das variáveis ambientais sobre o IB-E dos produtores convencionais



Elaborado pelas autoras com base em pesquisa de campo.

Quanto ao aspecto ambiental, as variáveis preservação/qualidade ambiental mostraram influência positiva sobre o IB-E. Medianamente está a utilização de químicos, o recurso energético utilizado e o destino dos resíduos. Negativamente destacou-se a mudança climática, assim como mostra a análise dos produtores agroecológicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi percebido que, através das medidas de autorrelato, os produtores rurais agroecológicos já se mostravam mais satisfeitos se comparado aos convencionais, apresentando mais variáveis que expressam seu bem-estar. O IB-E confirmou o que foi dito nos autorrelatos, pois os produtores agroecológicos tiveram a média 0,7910 expressando que estão muito satisfeitos, enquanto os produtores convencionais tiveram a média 0,5475 mostrando que estão medianamente satisfeitos como produtores rurais.

Sobre as variáveis que mais influenciaram positiva e negativamente o IB-E apresentado foi possível observar as disparidades nas escolhas dos produtores rurais para cada aspecto estudado, mas, principalmente, as semelhanças como a insatisfação quanto à segurança pública, ao acesso à saúde, ao pagamento de impostos e às mudanças climáticas, o que mostra a má qualidade desses serviços públicos para ambos e os reflexos do homem sobre a natureza.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e uso do solo. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 73-78, 1997.

ALBUQUERQUE, A. S.; TRÓCCOLI, B. T. Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 153-164, 2004.

ALTAFIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília: CDS/UnB, 2007.

BARBOSA, E. M.; BATISTA, R. C.; BARBOSA, M. N. **Gestão de Recursos Naturais: Uma Visão Multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Editora ciência Moderna Ltda., 2012.

BUAINAIN, A. M.; SABBATO, A. Di; GUANZIROLI, C. E. Agricultura familiar: um estudo de focalização regional. **Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural**, Cuiabá, 2004. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/12/09O437.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2016.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. **3rd Congresso Brasileiro de Agroecologia**, Florianópolis, 2006.

ESPÍRITO SANTO, M. M. do; GOMES, A. da S.; PIRES, M. de M. Análise dos sistemas de produção agroecológicos e convencionais: um estudo a partir da análise SWOT. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. septiembre, 2019.

FAO/INCRA. **Perfil da Agricultura Familiar no Brasil: Dossiê estatístico**. Brasília, DF, 1996.

FEIDEN, A. Agroecologia: introdução e conceitos. In: AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de. **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, p. 51-70, 2005.

GIACOMONI, C. H. Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 43-50, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2004000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 fev. 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GLIESSMAN, S. R. Quantifying the agroecological component of sustainable agriculture: a goal. In: GLIESSMAN, S. R. (ed.). **Agroecology: researching the ecological basis for sustainable agriculture**. New York: Springer-Verlag, 1990. p.366-399.

GUANZIROLI, C. E. **Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI**. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Regiões Geográficas Estado da Bahia**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=downloads>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

MAAR, J. H. Justus von Liebig, 1803-1873. Parte 1: vida, personalidade, pensamento. **Química Nova**, São Paulo, v. 29, n. 5, p. 1129, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40422006000500039>. Acesso em 07 jun. 2016.

MAY, P. H., TROVATTO, C. M. M., DEITENBACH, A., FLORIANI, G. S., DUBOIS, J. C. L., & VIVAN, J. L. **Manual agroflorestal para a Mata Atlântica**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, p. 195, 2008.

MEIRELLES, L.R. & RUPP, L.C.D. **Agricultura Ecológica - Princípios Básicos**. Brasília, DF: Centro Ecológico, 2005. Disponível em: <<http://www.centroecologico.org.br/agricultura.php>>. Acesso em 17 out 2016.

PASSOS, H. D. B. **Indicadores de sustentabilidade: uma discussão teórico-metodológica aplicada a sistemas agroflorestais no Sul da Bahia**. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, PRODEMA/UESC. Ilhéus.

ROCHA, L. B. **A região cacaueira da Bahia-dos coronéis à vassoura-de-bruxa: saga, percepção, representação.** Ilhéus: Editus, 2008.

SANGALLI, A. R.; RECALDE, K. M. G.; SILVA, L. F. da; PADOVAN, M. P. Aspectos ambientais e socioeconômicos em unidades de produção sob bases agroecológicas e convencionais no Assentamento Pedro Ramalho, em Mato Grosso do Sul. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2016.

SIQUEIRA, M. M. M.; PADOVAM, V. A. R. Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 201-209, 2008.

SMITH, J. Well-being and health from age 70 to 100: findings from the Berlin Aging Study. **European Review**, Cambridge, v. 9, n. 4, p. 461-477, 2001.

SOUSA, L.; GALANTE, H.; FIGUEIREDO, D. Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 364-71, 2003.